



O jornalismo colaborativo na Região Metropolitana de Campinas: observações preliminares ¹

Sarah Costa Schmidt²

Carlos Alberto Zanotti³

Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas - SP

Resumo

Com a difusão e propagação das TICs, leigos capacitaram-se tecnologicamente para produzir e divulgar textos, fotos e vídeos, atuando, muitas vezes, como relatores de fatos noticiáveis que, por ventura, possam ter presenciado. Este fenômeno, em que o público é capaz de colaborar com empresas jornalísticas, enviando o material que produz, é o objeto de análise desta pesquisa de iniciação científica. Através de levantamento bibliográfico, busca-se discutir os conceitos atribuídos ao fenômeno da colaboração no jornalismo, bem como identificar seus elementos, com foco aos portais noticiosos da Região Metropolitana de Campinas.

Palavras-chave

Jornalismo colaborativo; webjornalismo participativo; RMC; portais noticiosos; TICs

Corpo do trabalho

Introdução

Com a propagação das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs), que podem ser entendidas, segundo Monteiro e Pinho (2007, p. 107), como “a reunião dos meios audiovisuais, informáticos e comunicacionais que permitem criar, armazenar, recuperar e transmitir informação em grande velocidade e em grande quantidade”, e dentro da sociedade em rede (CASTELLS, 1999) e do ciberespaço (LÈVY, 1999), não jornalistas capacitaram-se tecnologicamente a captar e processar imagens, vídeos e textos de acontecimentos dotados de “valores-notícia” (WOLF, 2006) que podem vir a presenciar. Este material captado pode ser enviado aos sítios, noticiosos ou não, para ser veiculado, se houver interesse por parte do meio. Com isso, o jornalismo, antes entendido como um processo controlado inteiramente pelo jornalista, pois este “atuava de forma determinante, com a sua capacidade de ‘captar e recriar fatos’” (CHAPARRO,

¹ Trabalho apresentado ao Intercom Júnior, na Divisão Temática de Jornalismo, do XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste.

² Estudante de Graduação do 5º semestre de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo – da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas), email: sarah89_schmidt@yahoo.com.br

³ Orientador do trabalho. Professor e pesquisador da Faculdade de Jornalismo da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas), email: zanotti@sti.com.br



2007, p. 15), se altera, visto que cabe agora, ao profissional de imprensa, conviver com um público capacitado a captar e difundir informações.

Este poder de colaboração do público nas produções jornalísticas tem sido objeto de análise e de intensos debates no meio acadêmico. Muitos são os pesquisadores que buscam analisar o fenômeno da colaboração dentro do jornalismo, na tentativa de explicar e entender como se dá esta “co-autoria” do público no noticiário (BRAMBILLA, 2005). Afinal, em maior ou menor escala, “o jornalismo tende a se transformar na medida em que o fenômeno colaborativo cresce” (PALACIOS; HOLANDA; QUADROS e SILVA, 2008, p. 261). No entanto, uma das maiores dificuldades está, primeiramente, em nomear este tipo de jornalismo. É comum considerar jornalismo colaborativo, participativo, cidadão e *open source* (ou fonte aberta) como sinônimos. Porém, tais adjetivos, isoladamente, não possuem o mesmo significado, e corre-se o risco de se estar considerando como equivalentes as atividades que podem ser diferentes. Palácios *et. al.* (2008), em artigo que analisa as metodologias em pesquisa de jornalismo participativo no Brasil, destaca observação de Foschini e Taddei:

“No site Overmundo [...] o jornalismo participativo é definido como meios que incluem comentários dos leitores nas matérias e colaborativo está relacionado ao ato de duas ou mais pessoas contribuírem na elaboração de conteúdos jornalísticos. Por outro lado, jornalismo de fonte aberta incluiria a possibilidade de qualquer pessoa alterar um conteúdo de uma página web”. (p. 262)

É importante, no entanto, frisar que, nesta pesquisa, optou-se por utilizar os termos jornalismo colaborativo, participativo e cidadão como sinônimos no sentido em que tais nomenclaturas buscam identificar os casos em que o público interfere ativamente na produção jornalística, através das TICs e exerce o papel de co-autoria anteriormente citado. Não será considerado sinônimo apenas o termo jornalismo *open source* por se tratar de uma atividade em que a característica principal é a produção de informação aberta à modificação de qualquer pessoa, alterando-se infinitamente o texto original, e, por isso, sendo considerado por muitos pesquisadores como “uma espécie do gênero jornalismo participativo”(PALACIOS *et. al.* , 2008, p. 271) . O presente trabalho não busca sistematizar um único conceito ou uma única nomenclatura para jornalismo colaborativo, e sim, com base no levantamento bibliográfico realizado, expor as implicações acerca deste fenômeno da colaboração no jornalismo, levantando, por sua vez, mais questionamentos e reflexões do que respostas fechadas. Preocupação



semelhante demonstra Palacios *et. al.* (2008), ao citar Outing em seu artigo, observando a dificuldade de se conceituar, de forma fechada e generalizada, o jornalismo participativo, haja vista que este “[...] não é um conceito simples que possa ser universalmente aplicado a todas as organizações noticiosas” (p. 262). Partindo deste princípio, é possível perceber as diferentes linhas de pensamento entre pesquisadores da área quanto aos elementos que definem o que seja o jornalismo colaborativo, e por sua vez, conceituá-lo. Para Träsel (2007), por exemplo, o jornalismo partivipativo pode ser identificado em

“wejornais em que o público pode intervir sobre o conteúdo publicado, seja enviando seu próprio material jornalístico, [...] fazendo comentários sobre e debatendo a partir do material jornalístico publicado por uma equipe editorial, profissional ou não” (p. 76)

A partir desta afirmação, é possível perceber que o autor considera como jornalismo colaborativo - além do material jornalístico que o público produz - os espaços para comentários de notícias e fóruns como elementos deste tipo de jornalismo. Em sua visão, estes espaços compõem o jornalismo participativo, ou seja, são partes dele . Já para Brambilla (2006), os comentários após as notícias e os fóruns, “onde discussões acontecem de modo paralelo ao noticiário sem que ganhem *status* de notícia” (p.38), são entendidos como espaços de interação do jornalismo *online*, não são necessariamente elementos do jornalismo colaborativo. Aliás, para a mesma autora, o jornalismo colaborativo seria um elemento inserido no jornalismo online, tendo este como “continente”, ao lado dos comentários e dos fóruns.

Outra discussão que envolve a colaboração do público no jornalismo é a necessidade de um jornalista profissional apurando e checando as informações enviadas pelo leitor. Retomando-se a observação de Träsel (2007), quando o autor afirma que há wejornalismo participativo quando o público intervém no conteúdo jornalístico “publicado por uma equipe editorial, profissional ou não” (p.76), deixa claro que, em sua visão, o jornalismo colaborativo pode existir sem que haja a presença de um jornalista fazendo a apuração da informação antes de veicular um material “amador”. Já Moura (2002, p. 2), em artigo que analisa o Slashdot (<http://slashdot.org>) –site colaborativo sobre o universo da informática e que trabalha com informações fornecidas por não jornalistas– afirma, no capítulo em que questiona o jornalismo pós-Slashdot: “Ora, elitismos à parte, nem toda a gente pode ser jornalista. Há, desde logo, uma formação inerente à profissão que, obviamente, não é inata”. Moura (2002) questiona a



credibilidade das informações divulgadas em sites desta natureza, por não contarem com a apuração de um jornalista profissional. Nesta mesma linha de pensamento, Brambilla (2007), em artigo que analisa o caso da foto adulterada - enviada por um internauta - publicada no UOL (www.uol.com.br), por ocasião da queda do *airbus* da TAM em julho de 2007, ressalta:

“É preciso que haja o olhar do jornalista antes de um conteúdo ser veiculado. Olhar esse que consiste em checagem de informações e edição. [...] São duas funções que qualquer jornalista deve – ou deveria – saber desempenhar. Principalmente quando se trata de UGC (user generated content, ou, no português, conteúdo gerado pelo usuário). Esses dois processos justificam a importância e a necessidade do profissional no jornalismo colaborativo” (arquivo eletrônico sem numeração de página)

Para a autora, o erro de publicar a foto adulterada foi do corpo jornalístico do UOL, que não checou a veracidade do material, e não da possibilidade que o portal ofereceu ao seu internauta de colaborar, e, de um modo geral, defende a participação ativa do público no jornalismo, quando o jornalista cumpre seu papel de editor.

Objetivo

O trabalho aqui apresentado - análise parcial do desenvolvimento da pesquisa de iniciação científica sobre os conceitos do jornalismo colaborativo, suas implicações e como este se dá na Região Metropolitana de Campinas - tem como objetivo apontar reflexões e questões acerca da dificuldade de se conceituar o jornalismo colaborativo, bem como apresentar observações preliminares deste tipo de jornalismo nos portais noticiosos derivados de jornais impressos da RMC.

Metodologia

O trabalho aqui proposto utilizou de uma metodologia híbrida de pesquisa, que combina a revisão bibliográfica e a observação direta. A pesquisa bibliográfica, que pode ser considerada como “o primeiro passo de toda pesquisa científica” (LAKATOS e MARCONI, 1992, p.107), foi realizada justamente para se levantar questões acerca do jornalismo colaborativo e é parte fundamental para o objetivo deste trabalho, ao se apontar dificuldades para se conceituar este tipo de jornalismo. A seguir, foram localizados os sítios noticiosos derivados de jornais impressos na RMC, área que possui



2.620.909 habitantes distribuídos em 19 cidades. Para tal, estas cidades foram divididas por número de habitantes em cinco grupos: Grupo 1 (de 8 a 35 mil/hab.) composto por Holambra, Engenheiro Coelho, Santo Antônio de Posse e Jaguariúna; grupo 2 (de 36 a 50 mil/hab) composto por Arthur Nogueira, Monte Mor, Pedreira e Nova Odessa; grupo 3 (de 51 a 95 mil hab.) composto por Cosmópolis, Vinhedo, Paulínia e Valinhos; grupo 4 (de 96 a 200 mil/hab.) composto por Itatiba, Indaiatuba e Santa Bárbara d'Oeste; grupo 5 (acima de 200 mil/hab.) composto por Campinas, Hortolândia, Americana e Sumaré.

Posteriormente, foi feita a análise destes portais, por meio de “observação direta sistemática” (LAKATOS e MARCONI, 2002, p. 90), com o intuito de encontrar sítios com a prática do jornalismo colaborativo. Para tanto, foi desenvolvida uma tabela como modelo a ser aplicado na análise de dados de cada portal analisado. Também foi concebido um questionário, o que, segundo Gil (1999, p. 126) “consiste basicamente em traduzir os objetivos específicos da pesquisa em itens bem redigidos” a ser enviado aos editores destes sítios noticiosos. Em casos específicos, foram realizadas também “entrevistas estruturadas” (LAKATOS e MARCONI, 2002, p. 93) com estes editores. É importante esclarecer que se considerou como “jornalismo colaborativo”, para esta análise preliminar, os espaços em que os próprios portais identificavam como manifestação jornalístico-colaborativa, canais estes para os quais o público pode enviar material captado. A escolha justifica-se à medida em que os principais autores pesquisados não divergem quanto ao fato de esta manifestação ser um elemento do jornalismo colaborativo. Deixou-se de fora, no entanto, os comentários e os fóruns, porque não há convergência entre os pesquisadores consultados sobre estes espaços serem de fato elementos do jornalismo colaborativo, ou por pertencerem ao jornalismo *online*. Não se definiu amostragem, sendo observado todo o conteúdo disponibilizado nas seções de jornalismo colaborativo, por se tratar de uma análise preliminar.

Resultados Obtidos

As impressões acerca do jornalismo colaborativo aqui apontadas e de como ele se desenvolve na RMC são observações preliminares, visto que este é um relato parcial da pesquisa de iniciação científica. No levantamento bibliográfico, percebeu-se que o fenômeno do jornalismo colaborativo ainda está sendo amplamente discutido e está em busca de conceitos. Não se tem um consenso dos elementos que compõem esta modalidade de jornalismo, e talvez este seja o grande impasse. Estas conclusões serão



melhor explicadas adiante. Quanto aos portais noticiosos da RMC derivados de jornais impressos, foram encontradas 22 produções desta natureza. As cidades que possuem tais sítios noticiosos e a respectiva quantidade são: Americana (2), Campinas (3), Holambra (1), Hortolândia (1), Indaiatuba (2), Itatiba (1), Jaguariúna (3), Nova Odessa (1), Paulínia (2), Pedreira (2), Santa Bárbara d'Oeste (1), Sumaré (1), Valinhos (1) e Vinhedo (1). Destes 22 portais localizados, encontrou-se dois que disponibilizam algum canal para a prática do chamado jornalismo colaborativo. Um deles pertence à cidade de Campinas, “Cosmo Online” (<http://www.cosmo.com.br>), mantido pela Rede Anhangüera de Comunicação (RAC), responsável por sete jornais impressos, quatro deles com circulação na RMC, e uma revista. O outro, pertence à cidade de Americana, “O Liberalnet” (<http://www.oliberalnet.com.br/>), mantido pela Editora O Liberal, responsável pelo jornal impresso de mesmo nome.

Cosmo Online: Disponibiliza a seção “Eu, repórter”. O próprio portal define como o “canal para receber a contribuição de seus leitores”, para onde o público pode enviar “fotos, textos, notícias, vídeos e outras contribuições”. De acordo com o próprio portal, as contribuições passam por uma avaliação dos editores de conteúdo para que sejam veiculadas. Através da observação direta, foi possível encontrar um total de 11 veiculações de produções desta natureza dentro do portal, analisadas, preliminarmente, no período de um dia⁴. A primeira data do dia 11/12/2008, e a última foi veiculada no dia 05/03/2009. Estas onze publicações constituem-se, basicamente, de textos, fotos e vídeos. Estes materiais também podem ser publicados em um dos outros veículos impressos da RAC.

O Liberalnet: Possui o canal “Leitor - repórter”, definido pelo portal como “seção de jornalismo participativo do jornal O Liberal”. O leitor pode enviar “textos, fotografias, ilustrações, áudios e vídeos, de sua autoria, desde que tenham conteúdo noticioso”. O material enviado passa por “avaliação editorial” para que seja veiculado. Através da observação direta, também feita preliminarmente no período de um dia⁵ foram encontradas apenas duas veiculações dentro desta seção no portal. A primeira data do dia 14/07/2007 e a segunda, 25/02/2009. As contribuições são, basicamente, textos e fotos. Como no caso do “Cosmo OnLine”, há a possibilidade de que as contribuições que o leitor envia para esta seção do portal sejam publicadas no jornal impresso “O Liberal”.

⁴ Data da consulta: 27/03/2009

⁵ Idem.



Conclusão

Com base na revisão bibliográfica, percebeu-se que a maior dificuldade ao se estudar ou mesmo conceituar o jornalismo colaborativo advém da não identificação dos elementos que o compõem. Ora há pesquisadores que consideram - além dos materiais enviados pelos leitores para ser veiculado, como nas seções “Eu, repórter” e “Leitor-Repórter” localizadas na RMC - comentários ao final das notícias e fóruns como elementos pertencentes ao jornalismo participativo. Outros, porém, acreditam que estes espaços de interação são elementos de outro tipo de jornalismo, o jornalismo *online*, e que o jornalismo colaborativo estaria nele inserido, ao lado dos comentários e dos fóruns; ou seja: o jornalismo colaborativo seria mais um dos espaço de interação que os portais oferecem aos seus usuários. Por aí percebe-se os conflitos em torno do conceito. Afinal, como conceituar algo que não se pode identificar? Se não se define quais são os elementos, as características de tal fenômeno, não é possível classificá-lo. Outro ponto de embate está na questão da necessidade de o jornalista profissional checar as informações enviadas pelo público. E esta característica é fundamental para que se possa identificar o que é jornalismo colaborativo e o que é apenas outro tipo de colaboração. Sites para os quais qualquer pessoa envia informações, muitas vezes protegidas pelo anonimato, sem que estes dados passem por uma etapa de apuração e edição profissional, podem ser chamados de jornalismo? Ou seriam apenas sites de informações colaborativas? Quem responde por eventuais erros e informações falsas?

Quanto às observações preliminares dos canais de jornalismo colaborativo na RMC, pode-se notar algumas similaridades entre os dois portais analisados, quanto ao tipo de material aceito para envio por parte do público, bem como a possibilidade de que o material enviado ao site seja publicado também nos veículos impressos, numa tentativa, talvez, de ampliar a participação do leitor também no jornal impresso. Outra característica comum aos dois portais é a obrigatoriedade de que o material enviado passe por uma avaliação da redação para que seja veiculado. Nota-se que o jornalista, pelo menos no que tange à Região Metropolitana de Campinas, tem papel fundamental no jornalismo colaborativo, embora, é importante ressaltar que, aparentemente, não há um critério adotado na hora de publicar contribuições de leitores, já que é possível encontrar, nas seções colaborativas, desde moradores reclamando do abandono de praças públicas de seus bairros, passando por promoção de peças de teatro, divulgação



de feiras de artesanato até promoção pessoal de certos indivíduos. Mas pode-se notar que, em sua maioria, as contribuições são reclamações, ou “denúncias”. O espaço colaborativo dedicado ao leitor, nestes casos, em uma primeira análise, está ainda em fase de adaptação frente à sociedade local. Ao que indicam os dados, os portais estão descobrindo como utilizar o espaço colaborativo, assim como seus internautas.

Bibliografia

BRAMBILLA, A. M. A reconfiguração do jornalismo através do modelo open source. *Sessões do Imaginário*, 2005.

_____. *Jornalismo open source: discussão e experimentação do OhmyNews International*. Porto Alegre, 2006. 252 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação). Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

_____. Jornalismo colaborativo funciona. *Jornalistas da Web*, 22 de julho de 2007. Disponível em: <http://www.jornalistasdawe.com.br/index.php?pag=displayConteudo&idConteudoTipo=2&idConteudo=2121>. Consulta em: 04 de março. 2009

CASTELLS, M. *Sociedade em rede – A era da informação: economia, sociedade e cultura*; v.1. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CHAPARRO, M.C.C. *Pragmática do jornalismo: buscas práticas para uma teoria da ação jornalística*. São Paulo: Summus, 2007.

GIL, A.C. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 5ª. Ed. São Paulo: Atlas, 1999.

LAKATOS, E.M e MARCONI, M.A. *Metodologia do trabalho científico: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos*. São Paulo: Atlas, 1992.

_____. *Técnicas de Pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados*. 5ª. Ed. São Paulo: Atlas, 2002

LÈVY, P. *Cibercultura*, 2ª Ed. São Paulo: Editora 34, 1999

MONTEIRO, E.P. e PINHO, J.B. Limites e possibilidades das tecnologias da informação e comunicação na extensão rural. *Intercom – Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*. São Paulo, v.30,n.2, p. 103-121,jul./dez.2007



MOURA, C. *O jornalismo na era Slashdot*. Universidade da Beira Interior, 2002. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/moura-catarina-jornalismo-slashdot.pdf>. Consulta em: 25 dez. 2008

PALACIOS, M. S; HOLANDA, A. ; QUADROS, C. ; SILVA, J. A. Metodologias de pesquisa em jornalismo participativo no Brasil. In: Marcos Palácios, Javier Diaz Noci. (Org.). *Metodologia para o estudo dos cibermeios*. Estado da arte & perspectivas. Salvador: EDUFBA, 2008, v.1, p.261-278.

TRÄSEL, M. *A pluralização no webjornalismo participativo: uma análise das intervenções no Wikinews e no Kuro5hin*. Porto Alegre, 2007. 271 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação). Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação. Universidade do Rio Grande do Sul.

WOLF, M. *Teorias da Comunicação de Massa*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.